

Devoção em festa na escrita de "São Luís do Maranhão – Corpo e Alma"

Maria Goretti Cavalcante de Carvalho¹

DOI:10.4025/rbhranpuh.v8i22.26655

Resumo: Análise do livro "São Luís do Maranhão - Corpo e Alma", da autora Maria de Lourdes Lauande Lacroix. Objetiva-se analisar a constituição de memória da cidade para encontrar os indícios dos modos de devotar, de festejar e de meditar sobre o comportamento piedoso dos seus habitantes, com ênfase nas normas de conduta piedosa, nos séculos XIX e XX. Analisa-se uma constituição de memória, com referências da história cultural, a partir das noções de cultura popular e de circularidade cultural; e dos conceitos de representação. Indica-se que a elaboração da obra literária exigiu um estudo intensivo dos documentos, pertinentes a recortes temáticos, definindo o caráter histórico da obra, o que proporcionou uma ampla ressonância de percepção das ligações recorrentes entre história, literatura e religião, para ler o passado distante e do cotidiano vivido em tempos recentes.

Palavras-chave: Literatura. Festas e devoção. História.

Devotion in party in " São Luis of Maranhão – Body and Soul " .

Abstract: We analyze the book "São Luís of Maranhão - Body and Soul ", of Maria de Lourdes Lauande Lacroix. The objective is to analyze the city's memory constitution to find evidence of the ways to devote, to party and to meditate on the pious behavior of its habitants, with emphasis on godly conduct standards in nineteenth and twentieth centuries. We analyze a constitution of memory, with references of cultural history, from popular culture and cultural notions of circularity; and representation of concepts. It is stated that the development of the literary work demanded an intensive study of the documents relevant to thematic cuttings, setting the historic character of the work, which provided a wide resonance perception of recurrent connections between history, literature and religion, to read the past far and lived everyday in recent times.

Keywords: Literature. Party and Devotion. History.

Recebido em 13/02/2015 - Aprovado em 29/04/2015

¹Doutoranda em História – Turma Especial Universidade do Vale do Rio dos Sinos / Universidade Estadual do Maranhão (UNISINOS/UEMA). Mestre em Educação e Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professora Assistente II do Departamento de Educação e Filosofia da UEMA. Pesquisa sobre a História da Missão Capuchinha no Maranhão (Século XX) e a Religiosidade da cidade de São Luís-MA. Docente na área da História da Educação e das Religiões. Email: goretticavalcante2008@yahoo.com.br

Introdução

[...] registrar o passado não é falar de si; é falar dos que participaram de certa ordem de interesses e de visão de mundo, no momento particular do tempo que se deseja evocar.

Antônio Cândido

No Maranhão dos séculos XIX e XX, muitos escritores² registraram fatos importantes, especialmente da cidade de São Luís-MA³, e buscaram, desde a sua fundação, um cenário de colonização; de prosperidade, observada no crescimento da cidade; depois, de decadência; de costumes; de sociabilidade de atividades culturais; de religiosidade e os modos de devoção e de festejar no cotidiano do cidadão.

Estes escritores, historiadores, poetas, viajantes, jornalistas, antropólogos registraram histórias, sem falar de si, mas tratando de nos dar a ler a organização física, social e cultural da cidade. Muitos destes apresentaram as particularidades da religião e da religiosidade, manifestadas nas variadas festas e devoções religiosas, a exemplo da autora Maria de Lourdes Lacroix⁴, que além de apresentar as mudanças dos aspectos físicos da cidade, nos proporciona registros para nossas reflexões sobre as práticas devocionais produzidas no campo religioso da cidade de São Luís-MA, nos séculos XIX e XX.

Esta obra⁵ é rica de detalhes. Dentre outros aspectos⁶, além dos físicos, a autora pesquisou as festas promovidas pelas Irmandades⁷ religiosas e por populares da cidade de

² Registros de Raimundo José de Sousa Gaioso (Agricultor), autor do *Compêndio Histórico-Político dos Princípios da Lavoura do Maranhão* (1813); César Augusto Marques, autor do *Dicionário Histórico-geográfico da Província do Maranhão* (1870) (Historiador); João Lisboa (jornalista); Aluísio Azevedo (romancista); Josué Montello (poeta); Mário Meirelles (Historiador); Jomar Moraes (Historiador); Daniel Parish Kidder (Viajante); Henry Koster (Viajante); Manuel Nunes Pereira (Etnólogo); Sérgio Ferretti (Antropólogo); Maria de Lourdes Lacroix (Historiadora), dentre outros tantos.

³ **Capital do Maranhão**, Cidade insular solenemente fundada em 8 de setembro de 1612 pela expedição francesa ao comando de Daniel de La Touche, senhor de La Ravardiére, com a denominação que até hoje tem, e que foi homenagem ao então rei menino, conforme relato do frade capuchinho Claude d'Abeville, que em sua *História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas* [...] afirma , que o nome da cidade foi conferido em homenagem a Luís XIII. [...] Em 6 de dezembro de 1997 São Luís foi considerada pela Unesco Patrimônio Mundial. Ver em MARQUES, César Augusto. **Dicionário histórico-geográfico da província do Maranhão**. 3.ed. São Luís: Edições AML, 2008.

⁴ Maria de Lourdes Lauande Lacroix – ludovicence, Professora aposentada do Departamento de História da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Publicou, entre outros livros, “*A Fundação Francesa de São Luís e Seus Mitos*”, e “*Jerônimo de Albuquerque Maranhão: guerra e fundação no Brasil colonial*”.

⁵ Segundo a autora, esta obra resultou de uma pesquisa absolutamente independente de qualquer instituição. Dois dos seus livros – *Fundação francesa de São Luís* e *Jerônimo de Albuquerque Maranhão* – levaram o selo da UEMA – Universidade Estadual do Maranhão, embora a universidade não tenha dispendido nenhum recurso na elaboração da pesquisa e editoração dos trabalhos. No caso de “*São Luís do Maranhão, corpo e alma*”, como não havia na programação dos pseudos 400 anos da fundação da cidade nada fora de espetáculos de cantores nacionais e regionais, uma exposição de mapas e personagens francesas e outros pequenos eventos, Lourdes Lacroix relata que resolveu deixar algum registro, objetivando mostrar aos jovens como era a cidade de São Luís. Infelizmente o livro atingiu um público maduro, pelo saudosismo provocado. Foi uma produção independente, sem editora. A ALUMAR – ALCOA - BHPBILLITON, através do seu Diretor Nilson Ferraz, financiou a

São Luís-MA, em arquivos, orientada por manuscrito⁸ e documentos impressos – Jornais de diversas épocas: *A Lanterna, A Pacotilha, Diário do Maranhão, Eco do Norte, Jornal Maranhense, Jornal Pequeno, O Imparcial e o Publicador Maranhense*; obras raras, livros contemporâneos e revistas, conversas sobre diversos assuntos com amigos⁹, passeios nas ruas e becos, visitas aos sobrados, que segundo a autora, são “*monumentos e outros traços físicos a testemunhar tempos esquecidos*”.

O seu estudo foi limitado, partindo do século XVII ao XX, mas Lourdes Lacroix convida os seus leitores para, em uma ressonância mais ampla, perceberem as ligações recorrentes entre História, Literatura e Religião. A memória da organização e realização de festas e devoção religiosa pode sugerir a leitura do “campo religioso” da cidade, pensado como sistema de “linguagem, enquanto um veículo simbólico a um tempo estruturado e estruturante” (BOURDIEU, 1998, p. 27-28); em “um conjunto de elementos básicos, constitutivos da cultura de toda sociedade” (DURKHEIM, 1989: 457), onde o mito aparece enquanto “princípio de estruturação do mundo”.

Mas, o que a autora quis foi buscar uma memória para representar a cidade de São Luís do Maranhão de Corpo e Alma, e neste passo, dar a ler o caráter espetacular, na interação sagrado e profano¹⁰, daquelas festas religiosas e o quanto movimentavam e davam vida à cidade. Oportunamente, podemos compreender que, quando falamos de sagrado e profano, na esfera festiva, “às vezes é difícil assinalar com precisão as fronteiras entre rito religioso e divertimento público” (DURKHEIM, 1989. p. 453). Lourdes Lacroix (2012) quis apresentar religião e festas, como temas importantes na vida diária, o

impressão de mil exemplares. Alguns foram para a Instituição financiadora; 50, para a Universidade Estadual do Maranhão e o restante foi vendido na Livraria da Academia Maranhense de Letras.

⁶ Dentre estes aspectos, a obra *São Luís do Maranhão – Corpo e Alma* contempla: a História de Fundação da cidade; a política de urbanização; as Manifestações culturais; as Artes plásticas; o Teatro e a música; e as Letras (Século XVII); a Expansão; a Sociedade; a Economia e as Artes (Século XVII); A Era do casario; Censo e Estatística; Ingleses em São Luís; Iniciativas privadas e obras públicas; a Balaia; Investimentos; Era do açúcar; Brasileiros contra portugueses; Bancos; Saneamento; Transporte urbano; Ruas, calçamento e limpeza; Igrejas de São Luís; Irmandades; Costume testamentário; Sepultamento; Sociedade; Reflexos das ideias libertárias; Teatro; Pintura; Música; Outros divertimentos; Renovação cultural; Telégrafo e telefonia; Fábricas (Século XIX); Crescimento e Degradação da cidade (Primeira metade do século XX); Plano de remodelação; Ambulantes e outros serviços; Limpeza pública; Epidemias; A Praia Grande; Futebol; Carnaval; Festas juninas; Tipos populares; Academicismo resistente; Teatro; Rádios; o Ocaso da antiga cidade; Expansão urbana e a Mutilação da cidade (Século XX).

⁷ Segundo Caio Boschi (1976), são chamadas irmandades as associações que, além de exercerem obras de piedade e caridade, implicam organicidade de cunho hierárquico, envolvimento e participação ativa dos membros. E as irmandades, que também tenham sido criadas para o incremento do culto público, recebem o nome de confrarias. (BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder*. São Paulo: Ática, 1986; e SCARANO, Julita. *Devoção e Escravidão: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no século XVIII*. São Paulo: Nacional (Coleção Brasileira), 1976).

⁸ Regimento de 9 de janeiro de 1616. Arquivo Ultramarino de Lisboa. ACL/CU. Cx. 1, Doc. 8, anexo 19

⁹ Segundo a autora, estas conversas sobre assuntos diversos complementaram o acervo de informações levantadas. “Todos esses instantes e registros foram compilados e armazenados em computador quase aleatoriamente” (LACROIX, 2012, p. 11)

¹⁰ “Os limites entre o sagrado e o profano, entre o rito religioso e a festa popular, embora possam ser definidos, estão, porém muito próximos” (DURKHEIM, 1989: 456).

que podemos constatar na realidade cotidiana das camadas populares. Sobre isto, Ferretti (2001) nos informa que no Maranhão e em todo o Nordeste, religião e festas constituem assunto fundamental na vida de muitas pessoas. Segundo o autor, a rotina diária é interrompida muitas vezes ao longo do ano, pela organização ou a participação em diversas festas, que assinalam a quebra periódica desta rotina. E para os que as organizam, as festas não representam propriamente momentos de lazer, mas de trabalho, intenso e prazeroso, no seu preparo e na sua realização.

A proposta deste artigo é analisar os modos de devotar, de festejar, e de meditar sobre o comportamento religioso dos habitantes da cidade de São Luís-MA, com ênfase nas normas de conduta piedosa, nos séculos XIX e XX. Trata-se da obra *São Luís do Maranhão – Corpo e Alma*, escrita pela historiadora Maria de Lourdes Lacoix (2012), na ocasião das festas dos 400 anos da cidade. A publicação desta edição deu-se em São Luís, objetivando-se mostrar aos jovens como a cidade era mais especificamente nos séculos XIX e XX. Entretanto, a circulação da obra atingiu um público mais adulto, e restringiu-se às pessoas e instituições de ensino superior da cidade de São Luís-MA.

Apesar desta obra não tratar exclusivamente das devoções e das festas religiosas, em São Luís-MA, a *devoção religiosa em festa* é uma questão porque permaneceu durante todo este processo de leitura da obra *São Luís do Maranhão - Corpo e Alma*, (LACROIX, 2012) como uma motivação, uma procura plena, um passado a conhecer, que obrigou nosso olhar a se aprofundar mais e descobrir as particularidades sobre as festas religiosas e a devoção do ludovicense¹¹. Portanto, encontrar e analisar os registros que a autora traz nesta obra sobre os modos de devotar e as festas religiosas em São Luís do Maranhão, nos idos séculos XIX e XX, são os objetivos deste artigo.

Importou, neste texto, associar a religião e as religiosidades ao processo de urbanização da cidade de São Luís-MA, que se iniciou em 1615. A autora registrou que neste processo, a cidade ganhou destaque, o que justificou boas perspectivas, “com porto em posição estratégica, excelente barra com ventos ao longo da costa, que facilitou a entrada e saída das embarcações a qualquer hora, dentre outras vantagens” (LACROIX, 2012, p.28). E mais, que isto possibilitou o aumento de habitantes, o que exigiu a organização social e econômica da urbe. O campo religioso da cidade – com suas tradições católicas, africanas e indígenas - entrou neste processo, pois “a monotonia da cidade era quebrada com as festas da Igreja ou algum fato notável, como a chegada do primeiro governador, em 3 de setembro de 1626, debaixo do pátio da procissão de *Corpus Christi*, com pompa e circunstância” (LACROIX, 2012, p. 28). A Igreja era uma das principais vias de ordenação da sociedade. Mas, pontuamos também a chegada dos escravos e sua importância na construção da cidade, envolvidos nos seus bens sagrados e no seu imaginário, ressaltando suas crenças religiosas.

Em função dessa associação, identificamos que as relações geradas na urbe, cujos preceitos e valores religiosos, que possivelmente fundamentam a vida dos homens na busca de preservação das próprias vidas, davam-lhe sentido à vida da cidade. A

¹¹Denominação às pessoas que nascem na cidade de São Luís do Maranhão.

tradição católica motivava a colaboração do clero na construção da cidade. Diz a autora que “o clero edificava casas, conventos, templos, organizava missões, construía fazendas, abria escolas, oferecia espetáculos, realizava cerimônias e festas religiosas” (LACROIX, 2012, p. 29). E, o espaço físico, as praças, as ruas, as casas, as igrejas, escolas, que são objetos urbanos, estão concretamente como locais de encontros, como símbolos, como locais de acesso e de relações, que dão lugar aos sentimentos e significados; e aos usos das normas de conduta.

Após a chegada dos escravos¹², em São Luís-MA, não somente a religião católica, mas as religiões afro-ameríndias¹³ passaram a fazer parte da vida urbana de São Luís-MA, através das manifestações culturais, caracterizando-se pela presença de numerosas festas. À época, estas práticas de religiosidade começaram a se consolidar, apesar do controle policial nos terreiros de mina, que perdurou até 1988¹⁴. Ainda podemos identificar os seus rituais, na atualidade. Segundo Ferretti (2001), o transe, as iniciações, as comemorações anuais das divindades, as obrigações do calendário de cada casa, são assinaladas com festas, toques, danças, cânticos e oferendas de alimentos especiais. Em São Luís, cada grupo afro religioso organiza anualmente pelo menos cerca de uma dezena de festas, algumas maiores, chegando a durar uma semana ou mais, outras com um, dois ou três dias de duração.

Constatamos na obra maior evidência de sincretismo no campo religioso da cidade, embora saibamos que todas as religiões são sincréticas, bem como todos os aspectos culturais da cidade. Ferretti (2012) lembra que as nossas festas e religiões populares são barrocas, com a junção de elementos culturais de diversas origens. E conclui que as grandes festas populares, como o carnaval, o bumba-meu-boi, a festa do Divino, as congadas e outras, são festas barrocas e sincréticas.

Justificamos que a leitura desta obra partiu da reconstrução da história, dos momentos, que se aproximam o mais possível do real, pressupondo, ainda, não apenas um recontar a história, mas, refleti-la no que nela contém de significativo, pois, segundo Certeau (1998), escrever uma história é gerar um passado, circunscrevê-lo, organizar o material heterogêneo dos fatos para construir, no presente, uma razão.

A análise da obra não foi suficiente, mas a impressão de uma escrita convocou os elementos que possibilitassem lê-las com a referência de uma análise qualitativa, para localizar não o estilo da autora, mas uma postura diante das fontes históricas e as consequências disso na escrita como atitude e não como produção textual. Foi preciso descolar a escrita do texto, para encontrarmos as Festas e as devoções em vários tópicos do livro.

¹² Os escravos entraram pela Baía de São Marcos e vindos por terra da Bahia, vendidos por pregões no Maranhão, entre 1812 e 1820, somando-se o total de cento e trinta mil. (Ver em VIVEIROS, Jerônimo de. **História do Comércio do Maranhão 1612-1895**. 1º e 2º vol., São Luís: Associação Comercial do Maranhão, 194:87).

¹³ Podemos citar o “Tambor de Mina” do Maranhão que é bastante sincrético, pois incorpora elementos do catolicismo, espiritismo, pajelança, indianismo, e outros. A mina, o terecô e a cura são práticas africanas e indígenas. Ver em (FERRETTI, M. **Terra de caboclo**. São Luís: SECMA, 1994).

¹⁴ Para maiores informações, consultar: FERRETTI, M. **Terra de Caboclo** São Luís, SECMA, 1994.

E quando descolamos esta escrita do texto, percebemos uma memória e sua representação. Na elaboração deste livro, identificamos a motivação na organização cronológica. Mas, o seu maior interesse foi “representar exclusivamente o aspecto físico e a vida nesses espaços, usos e costumes dos seus habitantes” (LACROIX, 2012, p. 12).

Primeiramente, verificamos que a literatura em análise tratava da realização de muitas festas religiosas tradicionais maranhenses na cidade de São Luís, a exemplo das de N. Sr^a dos Remédios e de Santa Filomena, uma das mais elitizadas, que se faziam com grande brilho na Igreja do Carmo. “A dos Remédios, mais pomposa que todas, ficou imortalizada na célebre crônica de João Francisco Lisboa, tão fiel na descrição do arraial movimentadíssimo”. (MARQUES, 2008, p. 474). Mas, também vimos os registros das festas dos Terreiros de Mina¹⁵, na Casa das Minas; e outras tantas festas populares.

Tentamos encontrar na escrita da autora as festas religiosas e os modos de devotar, de festejar, para que pudéssemos identificar os comportamentos piedosos da época; depois, de compreender que a prática literária da autora foi motivada por um fascínio pela sua cidade natal, e que, conectada às suas transformações físicas e culturais, buscou, intensivamente em variados documentos, fazer emergir um passado distante e ler o cotidiano vivido em tempos recentes. Nesta perspectiva, a autora Lourdes Lacroix, seduzida entre outros aspectos e pela cultura religiosa da cidade, encontrou razões para as suas inspirações na escrita do seu livro “São Luís do Maranhão – Corpo e Alma”, apartando os elementos fictícios de sua escrita. A escrita livre deve-se às poucas preocupações acadêmicas.

Portanto, refletimos: o que é dado a ler sobre o comportamento piedoso nas festas religiosas em “São Luís do Maranhão – Corpo e Alma”?

Em função disto, seguimos:

Revisitando Conceitos

Considerando “o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990. p.16), para apresentarmos *São Luís do Maranhão – Corpo e Alma*, de Maria Lourdes Lauande Lacroix.

A reflexão que ora investimos está circunscrita também nos conceitos de Memória, Cultura e Representação, naquilo que possam contribuir para a compreensão do caráter religioso na dimensão sociocultural¹⁶; através de “rastros, distância, mediação, uma história, uma reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais” (NORA, 1981, p.11). Naquilo que possam manifestar-se do e no escrito,

¹⁵ Embora o “Tambor de Mina” seja o principal centro de preservação da cultura jeje daomeana no Brasil, o “controle policial nos terreiros perdurou até 1988” (FERRETTI, M. 1994).

¹⁶ Há de se examinar o seguinte conceito de Durkheim: que “os fenômenos sociais têm necessariamente uma dimensão cultural, pois são também fenômenos simbólicos” (CUCHE, 1999, p.52).

considerando-se que não se trata de produção de texto, mas de produção de conhecimento histórico, em virtude de um confronto necessário com o objeto das investigações: as festas e a devoção religiosa na cidade de São Luís do Maranhão. Portanto, buscamos encontrar a história cultural neste escrito. Uma leitura “destinada tanto para o ouvido quanto para o olho, a obra conta com formas e procedimentos capazes de submeter o escrito às exigências próprias do desempenho oral” (CHARTIER, 1990. p.5).

Lemos que a valorização do cotidiano das localidades, e a cultura popular estão no centro das atenções de quem investe em história cultural. Ginzburg considera possível estudar o popular e as circularidades culturais através de casos excepcionais (aqui podemos citar as festas religiosas) ou de modelos culturais abstratos (que podemos correlacionar à conduta piedosa dos festeiros), por exemplo. E Cuche (1999) enfatiza que, cada cultura constitui um todo coerente, todos os elementos de um sistema cultural se harmonizam uns aos outros, o que torna todos os sistemas equilibrados e funcionais. Neste sentido, o campo religioso seria este espaço simbólico, no qual a devoção e a festa entram em sincronia e dão alma às celebrações dos templos religiosos e ressonam na coletividade.

Percebemos que a construção de uma literatura está nas suas determinações anteriores: as finalidades, as necessidades, as alternativas, as escolhas do escritor / pesquisador. Nesta perspectiva, foi analisado o propósito da autora quando da seleção dos seus materiais, e atenção às leituras incessantes para que fosse identificada uma memória e suas representações históricas da expansão de inúmeras devoções e festas religiosas, desde a colonização da cidade de São Luís-MA.

Procuramos, então, não um jeito de dizer, mas o que a autora nos faz ler sobre as festas religiosas de sua cidade natal. E neste prisma, identificamos alternativas e decisões, o que possibilitou analisar indícios de história cultural, entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido, considerando as especificidades do espaço próprio das práticas culturais. Para que pudéssemos compreender as devoções, que expressavam expectativas particulares dos diversos grupos socioculturais, como “práticas complexas, múltiplas, diferenciadas, que constroem o mundo como representação” (CHARTIER, 1990, p 25). Nesta perspectiva, situar uma história social das interpretações, que segundo o autor, são remetidas para as suas determinações fundamentais: que são sociais, institucionais, culturais.

Constatamos que houve uma forma criativa de lidar com as fontes, apartada da negação do seu conteúdo. Em função disto, sabendo-se que nenhum objeto está pronto, a empreitada foi de procurar o caminho que possibilitou esta construção e, consequentemente a produção deste livro.

Lourdes Lacroix lançou mão do espírito da história cultural, valendo-se da literatura, embora tratada na perspectiva de escrita livre, para representar história. A autora iniciou o texto apresentando os primórdios da Fundação da cidade de São Luís; depois, a sua expansão; o casario; o crescimento e degradação. O texto foi deixando de

sê-lo para se transformar em escrita. Outro ponto importante refere-se às narrativas geradas das conversas da autora com os seus amigos. Estas não existem sem memória. E a memória está “em permanente evolução, aberta à lembrança e ao esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações” (NORA, 1981, p. 9).

A Escrita reflete o cuidado da autora em trazer o mais próximo da realidade urbana de São Luís-MA, na sua pesquisa, cujos recortes foram retratados, além dos relatos, em lindas fotografias de acervos particulares. E nestes recortes foi possível descolar as festas religiosas em vários pontos: quando discorria sobre as “Igrejas de São Luís”; sobre as “Festas providas das Irmandades”; as “Festas populares e religiosas afro-ameríndias” e o “Catolicismo popular”.

Estes pontos podem estar imbricados no conceito de Culturas populares, que implica o “conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamento próprio das classes subalternas num certo período histórico” (GINZBURG, 1987, p. 17). Imbricados também nos efeitos da religião como sistema cultural. Segundo Geertz (1989, p.103), é necessário perceber a importância do significado no que diz respeito ao fenômeno religioso; significado, contudo, que se transforma ao longo dos anos, pois ao tempo que se transformam eles transformam práticas culturais e sociais.

Outro fator interessante na escrita sobre as “Festas religiosas” foi a representação em narrativa acerca da dinâmica social das festas, configurando a circularidade cultural, ou seja, no “fluxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica” (GINZBURG, 1987, p. 21). Concordando que:

o excepcional normal da cultura do próprio tempo e da própria classe não se sai a não ser para entrar no delírio e na ausência de comunicação. Assim como a língua, a cultura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes – uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicional de cada um. (GINZBURG, 1987. p. 28).

Nesta perspectiva, a leitura atentou-se aos pressupostos de que a religião surgiu das primeiras atividades humanas. Supomos que tenha surgido da classificação que o homem primitivo fez dos seres e das coisas e suas relações que constituem vínculos familiares, ou como relações de subordinação para suas representações. “É possível classificar outra coisa afora conceitos e de outro modo afora o da conformidade com as leis do puro entendimento: as ideias, obras do sentimento” (DURKHEIM; MAUSS, 1981). Geertz (1989) aponta a importância da religião enquanto detentora dos conhecimentos do universo. Segundo o autor, o ser humano tem necessidade de ter explicações para os acontecimentos não explicáveis no seu cotidiano, o que faz com que as pessoas busquem respostas às suas dificuldades humanas. Segundo Bourdieu (1998), o religioso pode ser entendido como sendo constituído e constituinte das estruturas sociais

e mentais, e que pode também ser legitimador da ordem social que estas estruturas comportam e apresentam.

Outro ponto importante refere-se aos exemplos de sincretismos nas festas religiosas populares registradas pela autora. Segundo Ferretti (2001), no Tambor de Mina entidades religiosas africanas ou brasileiras pedem a realização de festas da cultura popular e são homenageados pelos devotos com festas de vários tipos. Assim nos terreiros de mina é comum a realização de festas do Divino Espírito Santo, de tambor de crioula, de bumba-meu-boi, banquete para os cachorros, ladainhas, procissões e outros rituais que são oferecidos em homenagens e como pagamento de promessa a caboclos, voduns e encantados.

A realização destas festas nos terreiros constitui uma forma de expressão da religiosidade popular e não pode ser vista como superstição ou atraso ou ridicularizado como fator obscurantista que prejudica a pureza ou a africanidade da religião. Conclui Ferretti (2001), que não se pode também dizer que o sincretismo foi um fenômeno que só funcionou no passado e que se encontra em desaparecimento. Que o sincretismo, elemento essencial de todas as formas de religião, está muito presente na religiosidade popular, nas procissões, nas comemorações dos santos, nas diversas formas de pagamento de promessas, nas festas populares em geral.

Nesta perspectiva, constatamos que o sincretismo cultural reflete “paralelismos, misturas e convergências de culturas, decorrentes de aportes de brancos, negros e indígenas que fertilizaram nossa cultura, [...], na capacidade de organizar festas” (FERRETTI, 2012, p.292).

Portanto, a análise que segue sobre a obra literária escolhida, orienta-se por conceitos, mas apresenta fios condutores para o conhecimento histórico.

Os templos do “campo religioso” de São Luís-MA

Procuramos descolar da obra o “campo religioso” da cidade, voltados à procura dos significados atribuídos. Identificamos as igrejas e os terreiros de mina. Sobre as igrejas a autora descreve que “o braço escravo garantiu também a reforma ou reedificação de prédios religiosos, contribuindo para a beleza de São Luís”. (LACROIX, 2012, p. 173). Ainda segunda a autora, eram igrejas católicas, construções modestas, sóbrias, sem requintes do barroco ou as suntuosidades arquitetônicas de outros templos do Brasil colonial, se comparadas com os templos mineiros, de Salvador, Recife e São Paulo.

A autora relata que:

O valor dessas igrejas está no que significam para a história, em episódios ou ciclos da vida de São Luís. Palco de lutas, locais de conspiração para revoltas, centros de motins, vítimas de profanação, refúgio de escravos, abrigo de irmandades e campo santo significativo da sociedade (LACROIX, 2012, p.173).

A importância das festas dos padroeiros motivava belas composições, como o Novenário de Nossa Senhora da Conceição. Esta composição foi cantada por contralto, barítono e orquestra. Outra composição famosa: a Missa Bom Jesus dos Navegantes, para quatro vozes, coro e orquestra, de autoria de Leocádio Rayol. Segundo Lacroix (2012), na Igreja de Santo Antônio, as novenas eram rezadas ao som da Ladainha de Santo Antônio, para vozes e orquestra.

As igrejas eram sempre reconstruídas. A religiosidade aparente da elite marcou o financiamento de algumas dessas igrejas católicas. Na história de todas as igrejas de São Luís-MA tem episódios que envolvem restaurações, manutenções pelas devoções aos seus padroeiros e as festas para animação dos fiéis. Um exemplo foi a revitalização da Igreja dos Remédios, abandonada pelos fiéis, apavorados com um escravo fugitivo, que matara o seu senhor, e foi refugiar-se nos arredores da igreja.

Os comerciantes a elegeram protetora do comércio e da navegação, investindo no seu enriquecimento. Doações como sinos, custódias de prata, imagens de santos, assim como a grande reforma, em 1860, foram possíveis com a contribuições dos devotos. [...] Seus sinos, com jogo de harmonia delicadíssimo, enchiam de alegres sons a praça mais bem localizada da cidade e todo o elegante bairro dos Remédios. Evocavam desde a alta sociedade ao mais humilde habitante para a maior festa religiosa de São Luís, tão bem descrita por João Lisboa (LACROIX, 2012, p.186)

Com a estruturação do quadro eclesiástico da Diocese de São Luís, duas freguesias se constituíram:

a de Nossa Senhora da Vitória, cuja Catedral serviu de matriz e a de Nossa Senhora da Conceição, desanexada da primeira ainda no século XVII. Além das duas freguesias, fizeram parte do acervo arquitetônico religioso muitas igrejas e muitas capelas (LACROIX, 2012, p. 173).

As preocupações importantes da autora referem-se aos outros fatos importantes onde eram envolvidas as igrejas, a exemplo das epidemias em São Luís, e as promessas feitas para “sustar a mortandade”; a participação de Ordens Religiosas nas construções e restaurações de igrejas, a exemplo dos Carmelitas, dos Jesuítas, dos Franciscanos.

A Igreja foi de suma importância desde o processo de fixação do colono a terra. Lacroix (2012) informa que, por este motivo o Comandante Alexandre de Moura, em 1615, marcou com exatidão os lugares para as igrejas e conventos dos Carmelitas Calçados da Ordem de Nossa Senhora do Monte Carmelo, Franciscanos, Mercedários da Sagrada e Real Ordem Militar de Nossa Senhora das Mercês e da Redenção dos Cativos e

religiosos da Companhia de Jesus. Tal demarcação deu-se no morro central, hoje Centro Histórico da cidade. Segundo a autora as edificações foram distribuídas no seguinte:

os carmelitas edificaram a Igreja do Carmo. Os franciscanos ficaram à esquerda do Carmo, mais para o interior da Ilha. Os mercedários, próximo à praia do Desterro. Os jesuítas, no espaço da atual Igreja e do Seminário de Santo Antônio e a primeira freguesia de São Luís, a de Nossa Senhora da Vitória, criada em 1621. (LACROIX, 2012, p. 22).

O Convento do Carmo vivenciava a vida comunitária, desde o Século XVII, celebrando as missas, organizando procissões, festas natalinas, de Páscoa, velórios, assistência aos doentes e desvalidos. Era o que animava a vida da cidade. E assim, consolidava-se uma “cultura que vem da alma, do gênio de um povo. A nação cultural precede e chama a nação política” (CUCHE, 1999, p. 29).

E mais! “A parte espiritual acompanhada pela Igreja Católica – nascimento, vida, testamento, morte, sepultamento – se estendeu à vida social do colono, inclusive com distrações lúdico religiosas. Tudo girava em torno da Santa Madre Igreja” (LACROIX, 2012, p.31). Aqui, a autora enfatiza que as belas e divertidas festas eram promovidas pelas Irmandades destas paróquias. Ou seja, aquelas festas possibilitaram a Lourdes Lacroix uma pesquisa de “evidências periféricas, aparentemente banais, incertas, porém capazes, quando reunidas em uma trama lógica, de reconstruir a estrutura e dinâmica de seu objeto” (VAINFAS, 2002, p.109). Ainda segundo o autor,

por meio da narrativa amiudada de certo caso, o que se pretende é exibir a relação entre determinado sistema de regras ou determinações históricas da sociedade estudada e as ações individuais: as escolhas que fizeram ou deixaram de fazer os agentes históricos dentro da margem de liberdade pessoal que lhe podia tocar, quer em relação a episódios específicos, quer em relação ao quadro normativo do mundo em que estavam inseridos. (VAINFAS, 2002, p.130).

Mas, este detalhamento da pesquisa, que se transformou em história contida no livro, proporcionou a escrita com maior ênfase nos séculos XIX e XX, no qual foi possível identificar, na representação da cidade, o caráter das festas religiosas, inclusive pela participação da “alta sociedade da Igreja do Carmo”. Foi possível identificar, por exemplo, que as festas religiosas do catolicismo popular promoviam recursos para restaurações de igrejas importantes na cidade. E que para isto, entravam em cena as Irmandades.

E o que eram estas Irmandades?

Segundo Caio Boschi (1986), as irmandades eram associações que, além de exercerem obras de piedade e caridade, implicam organicidade de cunho hierárquico, envolvimento e participação ativa dos membros. E que as irmandades são também denominadas confrarias, pelo fato de terem sido criadas para o incremento do culto público.

As Irmandades eram associações religiosas de leigos, “previstas pelo Código Canônico e herdadas por Portugal no medievo, e que foram transplantadas para as colônias”. (LACROIX, 2012, p. 200). Eram orientadas por um documento chamado “O Compromisso”, onde estavam definidos os objetivos de cada associação; as exigências para admissão; direitos e deveres de seus associados. Na verdade, estas Irmandades amenizavam as dificuldades da população desassistida, pois segundo a autora, a política colonizadora portuguesa¹⁷ esquecia a assistência social em detrimento da gestão de negócios econômicos e políticos.

Em São Luís do Maranhão as Irmandades se multiplicavam e participavam ativamente, colaborando com a construção dos templos religiosos, apesar de suas diferenciações, a exemplo dos tipos e destaque: “as igrejas dos brancos, suntuosas e em locais privilegiados, enquanto os pardos e negros erigiam ou frequentavam igrejas em locais de menos destaque no panorama urbano” (LACROIX, 2012, p.200). Mas, segundo Mota (2012), ocorreu uma fragmentação da população marginalizada por diversas irmandades, de forros e de escravos¹⁸.

Nem todas as Irmandades reuniam-se em templos próprios. Segundo Lacroix (2012), aquelas sem templos próprios eram consideradas “irmandades de altares laterais”, ocupavam posição secundária, pagavam taxa anual à irmandade detentora dos direitos sobre o templo pela utilização das partes laterais da igreja.

A autora relata que, as duas primeiras irmandades nasceram na segunda década do século XVII e as outras, a partir de 1851, organizando-se com caráter especificamente religioso, elegendo um santo padroeiro e uma igreja. “De modo geral, os sócios se comprometiam a assistir seus irmãos na doença, na morte, no funeral com sinais dos sinos, nas missas de réquiem, com repiques dos sinos nas festividades” (LACROIX, 2012, p.201). Boschi (1986) destaca que, entre os objetivos daquelas instituições, estava uma série de ações voltadas para o bem-estar dos irmãos, servindo como corporações de ajuda mútua que permitiam o acesso a benefícios sociais, principalmente para os que não poderiam tê-los de outra forma, como foi o caso de muitos escravos e ex-escravos.

¹⁷ “[...] as instituições tenderam a organizar-se localmente por iniciativas dos particulares, através da criação de confrarias”. Ver no Dicionário de História Religiosa de Portugal – Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa: Rio de Mouro, 2000, p. 140.

¹⁸ Segundo a autora, “o exemplo mais importante em São Luís foi a irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, que como se sabe foi desmembrada da irmandade do Rosário, com sede na Igreja do Carmo” (MOTA, 2012, p.116).

A mais antiga instituída em 1622 foi a Irmandade da Misericórdia¹⁹, que manteve cemitério, hospital de caridade (a Santa Casa da Misericórdia), leprosário, a roda de enjeitados e a Igreja da Misericórdia. A segunda mais antiga:

dos Irmãos do Carmo, formada em 1627 pela elite local, políticos, militares de altas patentes, comerciantes de renome e pessoas das mais altas categorias sociais, e funcionou na Igreja do Carmo, templo também acolhedor das irmandades de Santa Filomena e do Bom Jesus dos Passos, ambas de brancos de grande prestígio da fração mais abastada da Província. (LACROIX, 2012, p.204).

Em que medida, as Irmandades participavam das Festas e das devoções religiosas, e qual a relação desta participação na tarefa de animar procissões e novenas?

A autora apresenta o espírito religioso do maranhense, a partir das concepções dos padres da época: *espírito de procissão e de novena*. “As festas dos oragos e padroeiros, mais profanas que religiosas, tiveram relevância na vida de São Luís, com folguedos populares, barraquinhas de sorte, balões, foguetes, tabuleiros de doce e fogos de vista” (LACROIX, 2012, p.214). Eram momentos lúdicos que aconteciam logo após as novenas.

E as procissões, repletas de *anjos de promessa*, de pessoas ilustres, bem vestidas, de tochas acesas, que mobilizavam a Câmara, pois esta fazia celebrar cinco festividades públicas ordinárias e regulares anuais, com Missa cantada e sermão: a de *Corpus Christi*; a de São Sebastião, em janeiro; a do Anjo da Custódia, em julho; a da Senhora da Vitória, em novembro e a da restauração de D. João VI chamado especialmente d’el-rei, em dezembro (LACROIX, 2012, p.215).

Durkheim (1989) enfatiza a importância dos elementos recreativos e estéticos para a religião, comparando-os a representações dramáticas e mostra que às vezes é difícil assinalar com precisão as fronteiras entre rito religioso e divertimento público. “O sagrado e o festivo têm, portanto pontos em comum e provocam exaltação e comoção” (FERRETTI, 2007)²⁰.

¹⁹ Tem suas raízes nas confrarias “As Misericórdias”, que surgem no Século XVI, em Portugal, como uma das formas de Assistência.

²⁰ Comunicação apresentada na Mesa Redonda 06 Religiões / Culturas Populares, na XIV Jornadas sobre Alternativas Religiosas em América Latina, realizada em Buenos Aires de 25 a 28 de setembro de 2007. Versão Preliminar.

Neste sentido, o profano e o sagrado interagem conjugados, na dialética da complexidade de uma religiosidade, na qual a devoção e a festa entravam em sincronia e davam alma às celebrações da Igreja e ressonavam na coletividade. Explicando melhor, Chartier (1991) recorre a Marcel Mauss e Emile Durkheim sobre a noção de "representação coletiva", que tratam das práticas, que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais "representantes" (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe.

As festividades movimentavam a vida da cidade, em uma diversidade de propósitos, dependendo do estilo da irmandade, do costume das igrejas e da devoção dos fiéis. As igrejas que promoviam as festas tinham a parceria administrativa das irmandades, ou seja, o cuidado com as imagens, a limpeza e adorno dos altares e do interior dos templos, a contratação de músicos, cantores para o final das novenas e a solenidade apoteótica das missas solenes. Eis um relato da autora sobre as providências para as procissões:

Andores decorados, anúncio do itinerário conforme a aquiescência do pároco, ruas limpas por solicitação dos irmãos, janelas por onde passavam as procissões enfeitadas com lindas toalhas rendadas, bordados a mão, matizadas, vasos de flores nos parapeitos, venda de velas, estandartes ou bandeirolas aos acompanhantes dos cortejos, foguetes e fogos de artifício e repique dos sinos na partida e chegada da procissão; no largo, muitas brincadeiras (pescaria, sortilégios), sorteios, rifas, leilões e barracas com guloseimas e bebidas. Alguns largos mais famosos promoviam danças, cantos e teatrinhos nos baixos dos sobrados próximos às praças (LACROIX, 2012, p.216).

Sobre esta participação das irmandades, Boschi (1986) procura a formação de uma consciência de classe por parte dos escravos dentro das irmandades e termina colocando-as como um fenômeno de adesão e de incorporação dos padrões e da ideologia de um grupo social dominante por um grupo dominado. Segundo o autor, ao contrário dos quilombos, as irmandades acabaram se tornando uma forma de manifestação adesista, passiva e conformista das camadas inferiores, onde não se formou uma consciência de classe e, por conseguinte, onde inexistiu uma consciência.

Conforme o estilo das irmandades, as suas festividades movimentavam a cidade, bem como:

o costume das igrejas, devoção dos fiéis ou em casos extraordinários, como por exemplo, deixar em testamento um número estipulado de autos e comédias em homenagem a determinados santos, a serem encenados no adro ou no interior das igrejas (LACROIX, 2012, p.215).

As Irmandades participavam das Festas e das devoções religiosas com uma liturgia de cooperação, administrando as igrejas promotoras das festas e seus padroeiros, animando as procissões e novenas com a mobilização das autoridades, dos militares e populares. Sobre a importância da festa e da irmandade expressa na Ladainha de São Benedito, para vozes e orquestra, a autora relata que: “A bela composição de autoria de um crioulo, exemplo de luta pela liberdade, foi uma das mais cantadas no século XX” (LACROIX, 2012, p.182).

Como o Catolicismo popular manifestava-se nas devoções?

O catolicismo popular, religião praticada pelas classes dominadas, foi relacionado ao conceito de sincretismo, assunto que passou a ser discutido por antropólogos, desde 1930, a exemplo de Ferretti. Está nos estudos das relações entre o sincretismo e correspondências simbólicas, muito frequentes nas representações religiosas. Exemplo:

Nas religiões afro-brasileiras, quando se diz que São Pedro representa Xangô, que Santa Bárbara representa Iansã ou que São Jorge ou Santo Antônio representam Ogum, está se fazendo uma comparação ou uma representação simbólica, ou um paralelismo de uma entidade africana com outra católica (FERRETTI, 2012, p. 291).

Mas, a autora relata também que:

O catolicismo popular se distanciava do eclesiástico, centrando-se mais nas novenas, devoção a santos, rezas e orações. Maria com inúmeras invocações: do Bom Parto. Do Desterro, das Dores, do Socorro, dos Remédios ou com nome de localidades, como de Lourdes, de Fátima, de Loreto, de Nazaré. Conforme a história de vida de cada santo, o povo determinou proteções específicas. Santa Marta, das moças solteiras; Santo Antônio, das coisas perdidas, santo casamenteiro; São Pedro, dos pescadores; Santa Edwirge e Santo Expedito, das causas difíceis e urgentes; São Lázaro, protetor dos cachorros; Santa Luzia protetora dos devotos com problemas de visão e, rogada

por chuva torrencial, como recompensa, o devoto joga uma xícara de café no terreiro; Sant’Ana das professoras, porque ensinou Maria; Santo Anselmo, dos tecelões; Santa Apolônia ameniza a dor de dente, porque quebraram seu maxilar e seus dentes, quando torturada; São Brás resguarda a garganta, por ter salvo um menino entalado com uma espinha de peixe; São Francisco defensor da natureza; São Longuinho, dos objetos perdidos, compensado com três pulinhos (LACROIX, 2012, p.252-53).

Por meio de uma oração, o católico pretendia que fossem atendidos alguns desejos estranhos:

contra formigas, contra mordida de cobra, para castrar homem pelo rastro, para qualquer aperto, para curar dor de dente, verme, bicheira, carne aberta e nervo torto, flatulência, ventosidade e paralisia facial, para tirar sol da cabeça, para entrar no mato, para estancar sangue, para libertação de traumas, para vencer depressão, para achar coisas perdidas, dentre outros pedidos (LACROIX, 2012, p.253).

A celebração das festas tradicionais do catolicismo popular²¹ era perseverante. Antigos documentos, analisados pela autora, tratam da destruição da Ermida de Nosso Senhor do Desterro pelos holandeses. Em 1833 iniciou a sua restauração, com as esmolas dos devotos e os trabalhos de um ex-escravo, sendo reinaugurada em 1869 como Igreja de São José do Desterro. As várias restaurações deste templo foram motivadas pela insistência dos fiéis do bairro do Desterro. E as festas culminavam os esforços e a devoção popular.

A autora se propôs mostrar a manifestação cultural e o caráter das festas e devoções do ludovicense, “centrando a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade” (CHARTIER, 1991, p. 6). O seu papel não foi ler dados inscritos nos documentos, mas possibilidades de recontar uma história,

²¹ Ferretti (2007) exemplifica uma tradição do Catolicismo e da cultura popular de origem portuguesa, muito encontrada em várias regiões, com características próprias em cada lugar. Em São Luís do Maranhão, é organizada principalmente por afrodescendentes, em Terreiros de Tambor de Mina, e nela se destacam os toques das caixas. Estas são características básicas que distinguem a Festa do Divino do Maranhão e de outros lugares.

“na integração, sempre assinalada pontualmente, de 'realidades' e 'possibilidades'". (GINZBURG, 1991, p. 183). Neste passo, a autora foi em busca de compreender a conjuntura, e não os fatos isolados, apesar das dificuldades da pesquisa.

Qual a busca da autora sobre as Festas populares e religiosas afro-ameríndias?

A autora buscou nas oralidades a memória coletiva que, segundo Halbwachs (2006) influencia muito forte sobre o individual, de forma que a memória do indivíduo é conhecida e reafirmada a partir de uma interação coletivizada. Diante disso, os indivíduos são apenas testemunhas de suas recordações, que necessitam de socialização para serem recontadas. A busca estendeu-se aos documentos de uma História do Maranhão, onde as experiências pessoais estavam guardadas, as manifestações populares vestidas de grandes festas, nas quais as famílias da cidade de São Luís mantinham a tradição portuguesa, quando armavam os belos presépios, e ao desarmarem, faziam belas festas de Queimações de Palhinhas, com trajes e cânticos apropriados para a ocasião, muita música, dança, comidas finas, chocolate quente e bolos de tapioca. Relata a autora que:

Começado no século XIX, um lindo e artístico presépio era armado todos os anos na casa n. 24 da Rua de Santo Antônio, franqueado ao público, conforme informa o jornal ‘A Lanterna’, de 24 de novembro de 1913. Pequenas peças intituladas de Pastorinhas representadas pelas meninas das próprias famílias tinham a participação de muitos (LACROIX, 2012, p.218).

Mas, não somente a festa que envolvia o presépio como tema, mas os Reis, comemorado no dia 06 de janeiro, com festa de grande pompa, onde o cortejo dos Reis visitavam os presépios das igrejas. Na escrita de *São Luís do Maranhão – Corpo e Alma*, a autora também quis apresentar a variação das festas e das devoções, dependendo da organização e do estilo das irmandades, para a administração das manifestações populares, narrando minuciosamente as tradições portuguesas e africanas, o modo como cada festa se desenvolvia; os autos das encenações.

E sobre o calendário das festas laicas, a autora nos apresenta um quadro de regulamentos, que nos séculos anteriores isto não era respeitado. As manifestações populares eram impostas por uma massa urbana de força composta por: escravos, alforriados e pobres livres, sem calendário definido. Nesta perspectiva, observamos um “recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade” (CHARTIER, 1991, p. 6).

A Festa do Divino²², narrada pela autora, nos transporta para uma dimensão festiva africana com culto católico, com pompas em desfiles pelas ruas da cidade, ao som das caixas e cantigas rimadas, lembrando os desafios, pelas suas características próprias.

Antes dos almoços e jantares festivos, o cortejo da Festa do Divino “desfilava pelas ruas, em tom festivo, o imperador, a imperatriz vestidos a caráter, um pajem carregando uma coroa numa salva e vários personagens até a igreja para participar de uma Missa dominical do mês de maio” (LACROIX, 2012, p.222). Esta festa ainda acontece nos terreiros de mina²³, espaços de memória africana em São Luís do Maranhão. Nesta perspectiva, procuramos extrair destes espaços sagrados o diálogo entre Cultura, onde se efetivam “trocas culturais” na complexidade dos “fenômenos de empréstimos” (CUCHE, 1999, p.70), e Memória, como um fenômeno sempre atual. (NORA, 1981, p. 83), para a compreensão de um legado, que “permitiu ao homem não somente adaptar-se a seu meio, mas também adaptar esse meio ao próprio homem, suas necessidades e seus projetos” (CUCHE, 1999, p. 10).

A autora apresenta uma antiga cerimônia registrada em documentos, que se chama *O Congo*. Relata a autora:

O Congo, primitivo auto africano adaptado às técnicas dramáticas portuguesas, era praticado em São Luís, em janeiro, na festa de Nossa Senhora do Rosário, nos festejos de São Benedito, e em outras ocasiões, sem, contudo, haver calendário definido. Constava de um cortejo, onde negros, em coreografia ritmada, pulavam, requebravam e pungavam, abrindo ala para o rei do Congo, a filha, arautos, autoridades, embaixadores, damas de honra, militares, seguindo a hierarquia africana em combinação com a monarquia portuguesa. Ao meio da andança, a filha do rei desfalece ao som de cantos lúgubres e dolentes. O rei propõe ao feiteiro da tribo promessa de casamento com a princesa, caso ela ressuscite. Teatralizando a magia negra, o feiteiro levanta a donzela, sopra e, ao ressuscitar a mão da moça é oferecida ao curandeiro, ao som de cantos alegres, até a realização do casamento, abençoado pela Virgem Maria (LACROIX, 2012, p.218).

²² Segundo Ferretti (2007), em São Luís, algumas festas populares como a Festa do Divino, constitui festa típica de terreiros, o que não ocorre no resto do país. Outras festas como o bumba-meu-boi, ou o tambor de crioula, são festas populares, da comunidade, que são realizadas também nos terreiros.

²³ A quase totalidade dos terreiros foi transferida para bairros de São Luís-MA, permanecendo no mesmo local a Casa das Minas e a Casa de Nagô, centenárias.

A *Chegança* também é outra festa interessante, teatralizando as lutas portuguesas contra os mouros; o Fandango, de raízes espanholas, mas que foi assimilada pelos negros e adaptada em seus autos e outras.

Estas festas eram organizadas por populares voluntários desde os preparativos para a realização até o desmonte das festividades. Dentre as tarefas uma era de suma importância: o preparo das comidas que seriam servidas durante o festejo, em almoços e jantares, tudo preparado com esmero, o que atraía ainda mais pelas delícias oferecidas aos participantes.

A busca da autora encontrou uma das facetas da *alma* da cidade. Não para defender a religião enquanto fundamento ideológico, mas para ver através de uma ponta do “iceberg” uma medida significativa da interferência religiosa no processo histórico da urbanização de uma cidade brasileira, São Luís do Maranhão, através da qual se poderá concluir sobre os reflexos gerais nessa particularidade.

Outras curiosidades importantes

A festa de São Benedito tinha a sua importância, visto que “era singular pela alforria de certo número de crianças na pia batismal, com a ajuda de mães e filhas de famílias ilustres, filiadas à irmandade do santo negro, depois de esmolarem de porta em porta” (LACROIX, 2012. p. 253). O santo é festejado no Tambor de Crioula, dança folclórica típica dos negros do Maranhão, como forma de divertimento e pagamento de promessa, na qual se destaca a umbigada, ou a punça. É acompanhada por três tambores próprios, o grande, o médio e o pequeno.

Dentre as tradições portuguesas, uma ainda vive na cidade de São Luís: o pão de Santo Antônio, que é distribuído aos pobres nas igrejas. No passado, o pão era distribuído, “também oferecido aos amigos para ser guardado nos oratórios como garantia de fartura à família obsequiada” (LACROIX, 2012. p.254)

Os devotos de São Lázaro, protetor dos leprosos, ofereciam um banquete aos cães em pagamento de promessas feitas pela cura de doenças de pele.

Neste dia cachorro passava bem, não era admoestado, maltratado, mas lavado com sabão, penteado e enfeitado com laços de fita no pescoço. Os donos traziam os animais para a ceia na casa do devoto. Uma toalha bem engomada era posta no chão, pratos limpos com bons quitutes, vinhos e doces, mesa também participada pelo ofertante, ao meio da gula brutal dos caninos e latidos somados ao som de animada música (LACROIX, 2012. p.257)

A autora relata as experiências passadas, trazendo-as para nos transportar para onde estas ficaram, sem questionar a verdade dos fatos, mas o tipo de experiência de que eles foram gerados. E nesta oportunidade, podemos examinar a festa e sua logística; a devoção e seu valor simbólico, como experiências, a partir do seguinte conceito de

Durkheim: que “os fenômenos sociais têm necessariamente uma dimensão cultural, pois são também fenômenos simbólicos”²⁴ (CUCHE, 1999, p.52). As páginas eram lidas como se os textos fossem escritos por romancistas, mas apresentadas com a moldura de tempo histórico, com ênfase no que era peculiar nas formas de festejar e de devotar, em São Luís do Maranhão.

Conclusão

Após as leituras e análises da literatura em questão, conseguimos chegar a alguns pontos, que merecem aqui serem repetidos, para que algumas ideias deles decorrentes possam colocar como questões que nos permitam avançar na discussão. Um destes refere-se à Memória, que segundo Nora (2003), é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter a necessidade de lembrar.

Como visto, o campo religioso da cidade de São Luís-MA é plural, de modo que procurar um nexo lógico que nos possibilite aprendê-lo enquanto totalidade é uma tarefa grandiosa, ainda por realizar-se. No entanto, parece-nos que sua tensão maior situa-se, como a autora da obra tentou apresentar, através de um processo de estetização, teatralização, apropriação, participação, interação, hibridização e síntese, nas festas e nas devoções religiosas, opondo-se à pretensa pureza étnico-ritual dos templos religiosos da cidade.

Evidenciamos na literatura o excepcional das “Devoções em Festa”, na busca da normalidade nas redes de comunicação e de eventos nas vidas daquelas pessoas devotas, congregadas nas suas redes de relações sociais. Segundo Lima (2006), relações sociais formam redes, e não apenas cadeias ou trilhas, precisamente porque cada pessoa e grupo constitui um ponto de encontro, ou nó, de muitas relações.

Apesar da brevidade deste texto, mas o objetivo foi analisar uma historiografia contida no livro “São Luís do Maranhão - Corpo e Alma”, da autora Maria de Lourdes Lauande Lacroix, para descolar, de sua escrita livre, os indícios dos modos de devotar, de festejar, de meditar o comportamento piedoso da cidade. Enfim, sentir a atitude investigativa da autora, e de como se responsabiliza pela produção do conhecimento histórico, ao tempo que oferece ao leitor experiências únicas de compreensão social e cultural de uma determinada sociedade, e temporalidade, através da literatura.

Nesta análise, implicou o valor do processo de construção do livro, e não no produto. Não para ver os fatos e sua cronologia, mas para compreender que o campo do conhecimento do Historiador é específico, abre-se à crítica, mas está fechado à negação dos fatos. E os fatos que a autora nos fez ler através das Festas e Devoções religiosas estão na Literatura, na História e na Religião. E neste passo, nos proporciona conhecimento sobre a constituição de um campo religioso e a sistematização de suas

²⁴ Durkheim não sistematizou uma teoria sobre cultura. “Sua reflexão sobre cultura não forma um conjunto unificado. A preocupação central de sua obra era determinar a natureza do vínculo social” (Ver em CUCHE, 1999, p.56).

práticas, que só se tornaram possível através de uma série de condições precedentes de um sincretismo religioso e cultural. Segundo Cuche (1999), cada cultura é dotada de um ‘estilo’ particular e que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas dessa maneira. Este estilo, este ‘espírito’ próprio a cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos, que aqui podemos verificar nos modos de festejar e devotar.

Portanto, esta leitura abriu espaço para o desejo de inventarmos nas futuras páginas de alguma historiografia, sobre uma realidade concreta de espaços simbólicos, para a reconstrução do fato histórico.

Como vimos, o campo religioso da capital maranhense constituiu-se no processo de trocas culturais, de modo que procurar compreender a conjuntura e não os fatos isolados é uma tarefa grandiosa, ainda por se realizar. E desse legado, buscamos compreender que os desdobramentos efetivos nas práticas religiosas, em São Luís – MA, desde o Século XVII, estão implicados no atual contexto. Nesta perspectiva, constatamos a festa e o modo de devotar como experiências, “como uma repetição religiosa daquilo que sempre foi feito, numa identificação carnal do ato e do sentido” (CUCHE, 1999, p.70).

É inegável que, se as “Festas e Devoções”, em São Luís-MA, são uma ponta do “iceberg”, ele precisa ser lido no que há nele de particular para, nessa leitura, encontrar o universal que são as determinações da interferência de outros fatos nas práticas religiosas brasileiras. A história deixa rastros, pois o que subjaz nas manifestações religiosas é, na religião, uma história que não terminou; que não pode ser negada e que é tão intensa que, facilmente, revela-se no inconsciente coletivo inevitavelmente sedento de Deus e, em função disso, preme de religiosidade e misticidade através dos quais se constata a atitude piedosa nas práticas religiosas e nas relações sociais.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder: Irmandades leigas e Política Colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Editora Etica, 1986. p. 50.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. V.5 n. 11. São Paulo jan. / abr. 1990.
- DURKHEIM, Emile. *As Formas elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.
- DURKHEIM; E.; MAUSS, Marcel. Algumas formas primitivas de classificação. In: MAUSS, Marcel. *Ensaio de sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- FERRETTI, M. *Terra de Caboclo* São Luís, SECMA, 1994.
- FERRETTI, S. Sincretismos, amálgamas e correspondências simbólicas. In: CARREIRO, Gamaliel da Silva. FERRETTI, Sérgio Figueiredo. SANTOS, Lyndon de

- Araújo.(Orgs.). *Missa, culto e tambor*: os espaços da religião no Brasil. São Luís – EDUFMA/FAPEMA, 2012.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. *São Luís do Maranhão – corpo e alma*. São Luís, 2012.
- LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana*: escalas, indícios e singularidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- MARQUES, César Augusto. *Dicionário histórico-geográfico da província do Maranhão*. 3.ed. São Luís: Edições AML, 2008.
- MOTA, Antonia da Silva. Irmandades religiosas – tecendo redes de solidariedade no Maranhão Colônia. In: CARREIRO, Gamaliel da Silva. FERRETTI, Sérgio Figueiredo. SANTOS, Lyndon de Araújo.(Orgs.). *Missa, culto e tambor*: os espaços da religião no Brasil. São Luís – EDUFMA/FAPEMA, 2012.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história*: a problemática dos lugares. In: *Projeto Histórico*. São Paulo: PUC, 1981.
- SCARANO, Julita. *Devoção e Escravidão*: A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no século XVIII, São Paulo: Nacional, 1975. p. 12.
- VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história*: micro-história. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- VIVEIROS, Jerônimo de. *História do Comércio do Maranhão 1612-1895*. 1º e 2º vol., São Luís: Associação Comercial do Maranhão, 1954.

Manuscrito

Regimento de 9 de janeiro de 1616. Arquivo Ultramarino de Lisboa. ACL/CU. Cx. 1, Doc 8, anexo 19